

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS DE CURITIBANOS
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

Isabella Talita Sousa Dias

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ÁREA DE CLÍNICA E
CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2022

Isabella Talita Sousa Dias

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ÁREA DE CLÍNICA E
CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Medicina Veterinária do Centro de Curitiba da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do Título de Bacharel em Medicina
Veterinária

Orientadora: Prof.(a) Dr. (a) Sandra Arenhart

Curitiba

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sousa Dias , Isabella Talita
Relatório de estágio supervisionado: área de clínica e
cirurgia de pequenos animais / Isabella Talita Sousa
Dias ; orientador, Sandra Arenhart, 2022.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em , Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

1. . 2. Medicina Veterinária. 3. Estágio Curricular
Obrigatório. 4. Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos
Animais. I. Arenhart, Sandra . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em . III. Título.

Isabella Talita Sousa Dias

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ÁREA DE CLÍNICA E CIRURGIA
DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora
Curitiba, 24 de março de 2022.

Prof. Malcon Andrei Martinez-Pereira, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof (a) Sandra Arenhart, Dr (a).
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Marcela Luiza Godoy, M.V.
Avaliadora
Universidade do Oeste de Santa Catarina

Alessandra Nelcir Berri, M.V.
Avaliadora

Dedico este trabalho a minha mãe e filho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha mãe Rosangela Bueno de Sousa (*in memorian*) que me ensinou a ser a mulher que sou hoje, sua garra, sabedoria e amor me deram forças para enfrentar esta caminhada.

À minha segunda mãe Milene Pilar Guartieri que sempre me ajudou em tudo que precisei, sua inteligência, paciência e amor foram essenciais para eu conseguir chegar até aqui.

Meu esposo Alan Christian pelo amor, apoio e companheirismo. Você foi essencial nessa reta final, não deixando desanimar diante as dificuldades.

À minha sogra Vera Lucia e minha avó do coração Nilseia Regina por estarem presentes para meu filho em momentos que eu não pude estar.

Ao meu avô do coração Mariano Krasinski e meu sogro Osias Pereira por me ajudarem nesta etapa final, direta ou indiretamente.

A minha comadre Jhenifer Santos e minha amiga Janaina Ferreira pela amizade e incentivo.

A minha irmã Gabriela Keiko pelos conselhos.

Aos amigos Bruno, Ingrid, Karine, Paula, Carla, Giovanna, que fizeram essa longa caminhada ser mais leve, meu coração transborda de amor em saber que durante estes anos de graduação, além de levar comigo muito conhecimento, vou levar também verdadeiras amizades.

A minha orientadora Sandra Arenhart pela oportunidade, orientação, disponibilidade e contribuição do conhecimento para realização deste trabalho.

Agradeço aos professores por cada ensinamento ofertado.

Aos Profissionais da Cia Bichos, que além de profissionalismo me mostraram a amizade e companheirismo.

“Viver é uma questão de rasgar-se e remendar-se”

João Guimarães Rosa

RESUMO

O mercado de trabalho requer profissionais qualificados e capacitados, por isso o estágio curricular obrigatório é muito importante para formação acadêmica e profissional do estudante. É neste período que o aluno coloca em prática a teoria que foi ofertada durante os anos de graduação. Na Universidade Federal de Santa Catarina o estágio curricular obrigatório ocorre na décima fase do curso de Medicina Veterinária, com carga horária de 540 horas aula. O estágio curricular obrigatório, foi realizado no Centro Veterinário Cia Bichos em Joinville, Santa Catarina, no período de 21 de novembro de 2021 a 23 de fevereiro de 2022, totalizando 540 horas, sob supervisão da médica veterinária Priscila Popp. Durante este período foram desenvolvidas atividades na área de clínica e cirurgia de pequenos animais, acompanhamento de consultas, internamentos, práticas laboratoriais e cirurgias. Assim, o presente relatório tem por objetivo descrever as atividades realizadas durante o estágio, a estrutura do local, seu funcionamento, além de apresentar e discutir a casuística acompanhada no Centro Veterinário Cia Bichos.

Palavras-chave: Medicina Veterinária. Estágio Curricular Obrigatório. Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais.

ABSTRACT

The job market requires qualified and skilled professionals, so the mandatory curricular internship is very important for the student's academic and professional training. It is during this period that the student puts into practice the theory that was offered during the undergraduate years. At the Federal University of Santa Catarina, the mandatory curricular internship takes place in the tenth phase of the Veterinary Medicine course, with an hourly load of 540 hours of class. The mandatory curricular internship was held at the Cia Bichos Veterinary Center in Joinville, Santa Catarina, from November 21, 2021 to February 23, 2022, totaling 540 hours, under the supervision of veterinary physician Priscila Popp. During this period activities were developed in the area of clinic and surgery of small animals, follow-up of consultations, hospitalizations, laboratory practices and surgeries. Thus, this report aims to describe the activities performed during the internship, the structure of the site, its operation, in addition to presenting and discussing the casuistry accompanied at the Cia Bichos Veterinary Center.

Keywords: Veterinary Medicine. Compulsory Curricular Internship. Medical Clinic and Small Animal Surgery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fachada do Centro Veterinário Cia Bichos.....	15
Figura 2. Recepção do Centro Veterinário Cia Bichos	16
Figura 3. Consultório 1 (A) e 2 (B) do Centro Veterinário Cia Bichos	17
Figura 4. Ambulatório do Centro Veterinário Cia Bichos.....	18
Figura 5. Canil (A) e gatil (B) do Centro Veterinário Cia Bichos.....	18
Figura 6. Sala de cirurgia (A) e sala de pequenos procedimentos (B) do Centro Veterinário Cia Bichos	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Pacientes atendidos no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	21
Tabela 2. Consultas clínicas acompanhadas no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	22
Tabela 3. Número de casos acompanhados, por sistema, das consultas clínicas do Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	22
Tabela 4. Afecções atendidas em consultas, acompanhados no Centro Veterinário Cia Bicho, conforme espécie.	23
Tabela 5. Pacientes internados no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	24
Tabela 6. Número de casos acompanhados, por sistema, da internação do Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	24
Tabela 7. Afecções do sistema digestório de caninos internados, acompanhados no Centro Veterinário Cia Bicho.	25
Tabela 8. Afecções do sistema urogenital dos felinos internados, acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos.	26
Tabela 9. Procedimentos cirúrgicos acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.	28
Tabela 10. Procedimentos cirúrgicos acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos, por procedimento, conforme espécie.	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

COMAC - Comissão de Animais de Companhia

CCPA – Clínica cirúrgica de pequenos animais

CMPA – Clínica médica de pequenos animais

FC – Frequência cardíaca

FR – Frequência respiratória

MPA – Medicação pré-anestésica

CE – Corpo estranho

DTUIF – Doença do trato urinário inferior dos felinos

OSH – Ovariosalpingohisterectomia

CIF – Cistite Idiopática Felina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CENTRO VETERINÁRIO CIA BICHOS – JOINVILLE/SC	15
2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL	15
2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	19
2.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	21
2.3.1 Consultas	22
2.3.2 Internação	24
2.3.3 Cirurgia	27
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
4 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é realizado na décima fase do curso de medicina veterinária, e deve ser realizado com acompanhamento de um professor e um profissional supervisor de estágio. O aluno deve cumprir 540 horas aula de estágio, com liberdade para escolher sua área de atuação. O estágio curricular obrigatório é um período de grande importância para o aluno associar o conhecimento teórico adquirido durante a graduação com a vivência prática proporcionada.

De acordo com a Comissão de animais de companhia (COMAC) (2021), houve um aumento de 30% no número de animais de estimação nos lares brasileiros durante a pandemia. E mais, a saúde dos animais de companhia vem sendo considerada importante, além disso, existe uma grande preocupação com o seu envelhecimento e o cuidado com a saúde preventiva. De acordo com WSAVA (2020), estudos vem demonstrando que os tutores aceitam melhor as recomendações dos médicos veterinários. Por isso, a clínica de animais de companhia constitui uma área da profissão veterinária em desenvolvimento rápido e de grande importância.

Considerando a crescente demanda por profissionais na área de clínica médica de pequenos animais, o estágio curricular supervisionado obrigatório foi realizado nas áreas de clínica e cirurgia de pequenos animais. Orientado pela Prof.(a) Doutora Sandra Arenhart, realizado no Centro Veterinário Cia Bichos, uma clínica particular de atendimento de cães e gatos no município de Joinville, Santa Catarina, no período de 22 de novembro de 2021 a 23 de fevereiro de 2022 supervisionado pela Médica Veterinária Priscila Popp, com uma carga horária de 540 horas.

Este relatório tem como objetivo descrever as atividades realizadas durante o estágio curricular obrigatório na área de Clínica Médica e Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, destacando o funcionamento e estrutura do Centro Veterinário Cia Bichos, atividades desenvolvidas durante o período, sua casuística e discussão das atividades realizadas, discutindo as afecções de maior ocorrência.

2 CENTRO VETERINÁRIO CIA BICHOS – JOINVILLE/SC

O estágio curricular supervisionado foi realizado no Centro Veterinário Cia Bichos localiza-se na Rua Presidente Campos Salles, número 458, bairro Glória, no município de Joinville em Santa Catarina (Figura 1).

A Cia bichos atua no mercado a mais de 20 anos, sendo referência na cidade de Joinville por ser umas das primeiras clínicas da região. Com atendimento ao público em período integral (24 horas) sob responsabilidade técnica da Médica Veterinária Priscila Popp. Nela se encontram excelentes profissionais que conquistam clientes amigos com carisma e profissionalismo.

Figura 1. Fachada do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

O Centro Veterinário Cia Bichos foi fundado pelo médico veterinário Albert Lang em 1994, com objetivo de buscar um melhor atendimento aos animais, por isso dispõe de serviços na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. Seu horário de funcionamento de segunda a sexta das 08h às 19h, com plantões noturnos, aos sábados das 08h às 13h com plantões noturnos, aos domingos e feriados somente plantões onde oferecem suporte para os animais que estão no internamento ou aqueles que precisam de atendimento emergencial. O corpo clínico é formado por três médicos veterinários e uma auxiliar de veterinária.

2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL

A casuística da clínica é predominantemente de caninos e felinos, por isso, ela busca diversificar seu atendimento, oferecendo consultas, cirurgias, vacinas, exames bioquímicos,

internamento, odontologia; além de consultas especializadas com colaboradores na área de ortopedia, oftalmologia, cardiologia, oncologia e diagnóstico por imagem.

A área física de atendimento clínico de pequenos animais é composta por uma recepção (Figura 2). Neste local trabalham uma recepcionista e dois auxiliares financeiros, que dão os primeiros passos do atendimento ao cliente, onde são passadas informações básicas sobre o funcionamento do atendimento veterinário, agendamento de consultas, bem como, pelo atendimento de telefone, WhatsApp e e-mails e a venda de medicamentos e produtos para animais de companhia.

Os atendimentos são realizados preferencialmente através de agendamento prévio, ou por ordem de chegada. Para novos pacientes é criado um cadastro onde é possível verificar no sistema o histórico e prontuário de cada atendimento.

Figura 2. Recepção do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A clínica veterinária possui dois consultórios, destinados para consulta clínica, curativos, aplicação de medicamentos e vacinações dos animais (Figura 3).

O animal antes de entrar no consultório já é pesado. Ambos os consultórios contam com uma bancada para realização dos exames físicos dos pacientes, armários que contém insumos para utilização durante o atendimento, pia para higienização das mãos, lixeira para lixo comum e hospitalar, coletor de material perfurocortante, mesa e cadeira para acomodação do médico veterinário, computadores, ar condicionado e cadeiras para acomodações dos tutores.

Nos consultórios também eram realizados exames de imagem por colaboradores que traziam seus equipamentos os instalavam nestes espaços.

Figura 3. Consultório 1 (A) e 2 (B) do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A porta central de cada consultório também leva para um corredor que dá acesso ao ambulatório. Este local era utilizado para os animais que ficam internados, ou para animais mais agressivos (Figura 4), o que facilitava um exame físico mais detalhado, realização de curativos, aplicações de medicamentos, realização de procedimentos anestésicos e acessos venosos.

O ambulatório possui uma mesa impermeável, uma pia de higienização, arquivos dos médicos veterinários, livros para consulta de bibliografia, armário de medicamentos e materiais, lixeira, coletor de material perfurocortante, suporte para soro, aparelho tricotomizador.

Neste local que se encontra a maior parte de utensílios de uso hospitalar, como seringas, agulhas, luvas, tubos para coleta, álcool, iodo, clorexidine, entre outros.

Figura 4. Ambulatório do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A clínica possui um canil e um gatil (Figura 5). Local destinado a pacientes em observação, internação ou hospedagem. Cada local dispõe de uma mesa impermeável, suporte para soro, lixeiras e coletor de material perfurocortante, ar condicionado. Cada baia possui uma prancheta para dados dos pacientes, como: nome, data da entrada da internação, peso, motivo da internação, exames solicitados e realizados e o médico veterinário responsável. Animais com suspeita de doenças infectocontagiosas são colocados em uma baia isolada, externa e distante do canil e gatil.

Figura 5. Canil (A) e gatil (B) do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Possui uma sala de cirurgia geral para grandes cirurgias e uma sala de pequenos procedimentos, onde são realizadas biopsias, procedimentos dentários, retirada de drenos e suturas.

O centro cirúrgico possui um bloco cirúrgico e um pequeno espaço para paramentação e lavagem das mãos e esterilização de materiais. O bloco cirúrgico (Figura 6 A) é composto por uma mesa cirúrgica de inox e foco cirúrgico, equipamentos para anestesia inalatória, uma mesa com monitor multiparamétrico e um pequeno armário com materiais para anestesia, ar-condicionado, bisturi elétrico, caixa coletora de material perfurocortante, prateleira com materiais de uso hospitalar

A sala de pequenos procedimentos (Figura 6 B) possui uma mesa de inox e foco cirúrgico, equipamentos para anestesia inalatória, ar-condicionado, equipamentos para profilaxia dentaria, caixa coletora de material perfuro cortante.

Figura 6. Sala de cirurgia (A) e sala de pequenos procedimentos (B) do Centro Veterinário Cia Bichos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular obrigatório foi realizado no período de 21 de novembro de 2021 a 23 de fevereiro de 2022, totalizando 540 horas. Com início ao meio-dia e término as oito horas da noite, concluindo 40 horas semanais. O mesmo teve supervisão da médica veterinária

Priscila Popp. As atividades desenvolvidas e acompanhadas foram da Clínica Médica e Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais

No período do estágio, fomos instruídos em usar jaleco ou colete, calça longa e calçado fechado em consultas e procedimentos. Organizar o ambulatório e auxiliar em todos os momentos que fosse solicitado. Tínhamos livre escolha para acompanhar as consultas, cirurgias ou outra especialidade. A rotina ao chegar na clínica, consistia em atentar-se as fichas dos animais internados e a situação que eles se encontravam, averiguar se o fluxo da fluidoterapia estava adequada, se os acessos venosos estavam corretos, fazer a medicação se houvesse prescrição medicamentosa para o horário e também auxiliar na limpeza das baias, alimentação e água.

Após o manejo inicial ficávamos a disposição para auxiliar nas consultas ou outra atividade solicitada pelos veterinários de acordo com a necessidade, sendo estas: contenção do paciente, coleta de materiais, realização de exames físicos, preparo do animal para internação, curativos, drenagem de líquidos, enemas, sondagem uretral ou nasogástrica.

As consultas, em sua maioria ocorriam no período da manhã, pois o período da tarde era destinado a cirurgias. Durante as consultas, os estagiários eram responsáveis pela pesagem dos pacientes antes da entrada dos mesmos no consultório. Conforme solicitado por um dos médicos veterinários, auxiliávamos na contenção, realização do exame físico, coleta de material biológico, além de auxiliar em medicações e troca de curativos. Ao término da consulta, era realizado a limpeza da bancada, organizando consultório para o próximo atendimento.

No ambulatório, os estagiários eram responsáveis por manter o local sempre limpo para atendimento dos pacientes. Quando autorizado, os estagiários podiam realizar na coleta de sangue, acessos venosos, cálculo e aplicação de medicamentos prescritos por um dos médicos responsáveis. Além disso, cabia a nós fazermos as devidas anotações nos prontuários dos pacientes internados, como frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (FR), mucosas, temperatura, se o paciente se alimentou, urinou, defecou ou teve emese. No prontuário, constavam dados do animal, seguidos por peso, data, médico veterinário responsável, medicações e volume a ser administrado, dose utilizada, via de administração, frequência e horário, e caso necessário observações de administração do medicamento. Por isso, a terapêutica era de acordo com o prontuário, e após a administração dos medicamentos, era feito um “ok” ao lado do mesmo.

A cirurgias eram marcadas com antecedência, para tal era necessário que o animal fizesse um *check-up* pré-operatório e em casos de animais geriátricos ou cardíacos um eletrocardiograma e/ou ecocardiograma, para diminuir os riscos anestésicos. Déficits hídricos

eram corrigidos antes da cirurgia, caso fosse necessário. Era indispensável o jejum dos pacientes. Os estagiários ficavam responsáveis em aplicar a medicação pré-anestésica prescrita pela veterinária anestesista, montar circuito, fazer o acesso venoso no animal, e a tricotomia para posteriormente levar para a sala de cirurgia. Antes da cirurgia a auxiliar de veterinária já preparava a sala. Aos que participavam da cirurgia faziam a devida paramentação e com isso, equipe era composta por cirurgião, auxiliar veterinária e anestesista e os demais observadores. Ao levar o animal para a sala de cirurgia, o mesmo era induzido a sedação, normalmente com propofol. Os estagiários quando autorizados, podiam intubar o animal. Além disso, ajudávamos a posicionar o animal no decúbito desejado, e realização da antisepsia. O anestesista tinha a responsabilidade de observar função respiratória, frequência cardíaca, suspensão da dor e cuidados imediatos para correção de complicações. O auxiliar ficava responsável por ajudar a equipe cirúrgica antes, durante e depois da cirurgia nos cuidados com o paciente.

Os estagiários normalmente ficavam como observadores, mas quando solicitados pelo médico cirurgião, atuava como auxiliar de cirurgião ou como anestesista mantendo o plano anestésico e monitorando os sinais vitais do paciente. O pós-operatório variava de acordo com as condições do paciente e do decorrer da cirurgia. O veterinário cirurgião ficava responsável pela medicação pós-operatória. Ao término da cirurgia os estagiários ficavam responsáveis pela monitoração do paciente no pós-operatório.

2.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

Durante o período de estágio realizado no Centro Veterinário Cia Bichos foram acompanhados diversos casos, suspeitas clínicas, ou diagnósticos diferenciais. Em alguns casos não foi possível chegar a um diagnóstico definitivo, devido a restrições financeiras dos tutores. Desta forma, neste relatório os casos que não obtiveram um diagnóstico definitivo, constam como “diagnóstico sugestivo”.

Um total de 105 pacientes foram acompanhados durante o período de estágio, incluindo consultas de casos novos ou retornos, internamento, cirurgias. Destes, 83% foram cães e 17% foram gatos (Tabela 1). Por isso, os casos foram separados em consultas, internamento e cirurgia, para melhor entendimento e posterior discussão das afecções mais relevantes de cada parcela.

Tabela 1. Pacientes atendidos no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Espécie	Número	Percentual
Canino	87	83
Felino	18	17
Total de animais	105	100

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

2.3.1 Consultas

Com relação aos acompanhamentos das consultas clínicas (Tabela 2), no Centro Veterinário Cia Bichos, foram um total de 29 consultas, incluindo consultas de casos novos ou retornos. Uma casuística baixa em relação ao internamento, pois as consultas em sua maioria eram realizadas no período matutino, visto que o estágio era realizado no período vespertino. Destas consultas, 83% foram relacionados a cães e 17% a gatos.

Tabela 2. Consultas clínicas acompanhadas no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Espécie	Número	Percentual
Canino	24	83
Felino	05	17
Total de animais	29	100

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

As consultas foram separadas por sistema (Tabela 3), a fim de facilitar entendimento e posterior discussão. No geral, o principal sistemas acometido foi o tegumentar com 86% dos casos.

Tabela 3. Número de casos acompanhados, por sistema, das consultas clínicas do Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Sistema	Canino	Felino	Total	Percentual
Tegumentar	22	3	25	86
Musculoesquelético	-	2	2	7
Hemolinfopoiético	2	-	2	7
Respiratório	-	-	-	0
Cardiovascular	-	-	-	0
Urogenital	-	-	-	0
Nervoso	-	-	-	0
Digestório	-	-	-	0
TOTAL	24	5	29	100

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

Durante o acompanhamento das consultas clínicas o sistema tegumentar foi o mais afetado em ambas espécies, por isso foi dividido por afecções (Tabela 4), afim de facilitar entendimento e posterior discussão.

Eventualmente eram realizados tratamentos prévios, para maior bem-estar do paciente, e com o sucesso do tratamento os tutores não retornavam a clínica, desta forma, em alguns casos não foi possível obter um diagnóstico definitivo, constam como “diagnóstico sugestivo”.

Tabela 4. Afecções do sistema tegumentar, atendidas em consultas, acompanhados no Centro Veterinário Cia Bicho, conforme espécie

Afecção	Canino	Felino	Total	Percentual
Dermatite atópica	6	-	6	24
Miíases	5	-	5	20
Otite externa	4	-	4	16
Malasseziose	3	-	3	12
Abcesso cutâneo	2	1	3	12
Otohematoma	2	-	2	8
Sarna de ouvido	-	2	2	8
TOTAL	22	3	25	100

*Diagnóstico sugestivo

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

A dermatite atópica teve uma prevalência de 24% em comparação com as outras afecções, atendidas em consultas. Os pacientes acometidos foram caninos, com um número de seis casos, estes vinham de retornos e tinham históricos de tratamentos sucessivos para dermatopatias e recidivas frequentes do problema. De acordo com Saridomichelakis e Olivry (2016), a patogênese da dermatite atópica é complexa e pouco compreendida, com fatores genéticos e/ou ambientais envolvidos na determinação da suscetibilidade da doença. Durante as consultas os tutores sempre relatavam prurido no animal. No exame físico geralmente observava-se eritema interdigital, em abdome ventral e axilas. Eventualmente observava-se piodermites secundárias e nesses casos era receitado antibióticos para o tratamento. Para controle do prurido era receitado anti-histamínicos e corticosteroides, além de xampus manipulados. De acordo com Gedon e Mueller (2018) a dermatite atópica tem como sinais clínicos eritema, alopecia induzida pelo prurido e inflamação e infecções secundárias como pápulas, pústulas e crostas. Segundo Marsella e Benedetto (2017), o diagnóstico é baseado no histórico, sinais clínicos e exclusão de outras doenças pruríticas. Além disso, infecções secundárias precisam ser controladas para minimizar o prurido e focar apenas na doença atópica.

Miíases apresentaram uma prevalência de 20% dos casos atendidos em consultas, relacionadas principalmente a cães. Segundo Costa *et al.* (2018), as miíases, em sua grande

maioria, estão relacionadas a negligência do tutor em relação ao tratamento de feridas cutâneas ou na falta de observação quanto ao acúmulo de matéria orgânica nos pelos dos animais, o que pode atrair moscas para ovoposição. Nos cães que chegavam com essa condição, comumente observava-se na pele pequenos orifícios com aumento de volume e eritema. Era realizado a retirada manual das larvas com o auxílio de pinças, em seguida, limpeza da ferida com solução salina a 0,9% e clorexidine a 0,2%. Era orientada a realização do controle parasitário. De acordo com Cardozo e Ramadilha (2007), no verão observa-se maior número de casos miíases, pois o clima torna-se favorável para o desenvolvimento do ciclo do parasita. Além disso, discorre sobre a importância de se fazer o controle parasitário com uma droga que promova a saída das larvas sem matá-las, pois as larvas mortas dentro da pele proporcionam infecções bacterianas e abscessos.

2.3.2 Internação

O total de internamentos no Centro Veterinário Cia Bichos foi de 76 internamentos. Demonstrando um número maior de casos no internamento do que em atendidos em consultas. Fato este, devido as consultas serem no período matutino e o estágio no período vespertino. Destes internamentos, 76% foram cães e 24% foram gatos (Tabela 5).

Tabela 5. Pacientes internados no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Espécie	Número	Percentual
Canino	58	76
Felino	18	24
Total de animais	76	100

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

No geral, os principais sistemas acometidos foram: sistema digestório com 41% dos casos e sistema urogenital com 26% dos casos do internamento, mostrados na Tabela 6.

Tabela 6. Número de casos acompanhados, por sistema, da internação do Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Sistema	Canino	Felino	Total	Percentual
Digestório	30	1	31	41
Urogenital	12	8	20	26
Musculoesquelético	6	7	13	17
Tegumentar	4	-	4	5
Respiratório	3	-	3	4
Hoemolinfopoiético	1	1	2	3
Nervoso	2	-	2	3
Cardiovascular	-	1	1	1

TOTAL	58	18	76	100
-------	----	----	----	-----

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

Como o sistema digestório teve a maior prevalência em relação aos outros sistemas, ele foi dividido por afecções (Tabela 7), a fim de facilitar o entendimento e posterior discussão. A principal afecção do sistema digestório foi a gastroenterite com 29% em relação a outros casos do internamento. Posteriormente, a parvovirose com 24%.

Tabela 7. Afecções do sistema digestório de caninos internados, acompanhados no Centro Veterinário Cia Bicho

Afecção	Canino	Felino	Total	Percentual
Gastroenterite*	10	-	10	29
Parvovirose	8	-	8	24
Pancreatite	7	-	7	21
Gastrite	6	-	6	18
Fecaloma	1	-	1	3
Ingestão de corpo estranho	1	-	1	3
Lipidose Hepática		1	1	3
TOTAL	33	1	34	100

*Diagnóstico sugestivo

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

A gastroenterite teve alta prevalência em cães. Como nem sempre era possível chegar ao diagnóstico definitivo, por vários motivos como, interferência financeira do tutor, considerou-se histórico, sinais clínicos para um diagnóstico sugestivo. Os animais apresentavam sinais clínicos como apatia, anorexia, episódios de vômito e diarreia e presença de dores abdominais e desidratação.

De acordo com Rodrigues *et al* (2018), as gastroenterites possuem etiologias variadas, como por dieta, medicamentos, parasitas e infecciosa. O curso da infecção vai depender da idade do animal, dose do agente recebida, rota de infecção, composição da microbiota intestinal e condições debilitantes. Os animais recebiam tratamento de suporte imediato. Normalmente realizava-se fluidoterapia intravenosa com solução fisiológica a 0,9% ou ringer lactato, antieméticos, inibidor da bomba de prótons, antibióticos, analgésicos e complexo vitamínico. Ficavam no internamento recebendo terapia de suporte, junto aos outros animais.

De acordo com Unterer e Busch (2021), na maioria dos casos a recuperação clínica com terapia de suporte ocorre dentro de 24 a 72 horas, com taxa de mortalidade baixa.

A parvovirose representou 24% dos casos. Os cães que chegavam até a clínica com esses sinais clínicos, e apresentavam menos de um ano de idade. Se houvesse histórico de não imunização, era realizado teste rápido para detecção de antígeno do Parvovirus Canino em

amostras de fezes por *swab* retal. De acordo com Miranda e Thompson (2016), o parvovírus canino é um dos agentes entéricos mais importante dos cães, sendo extremamente contagioso, acometendo cães de qualquer idade, porém a doença é mais comum em filhotes, principalmente aqueles que não são vacinados.

Mazaferro (2020) discorre que o índice de suspeita de parvovirose pode aumentar com base na idade e situação vacinal do animal, mas que a precisão diagnóstica somente com o uso dos sinais clínicos (letargia, inapetência vomito e diarreia) e exame físico não são suficientes. Os animais positivos eram separados dos demais em um canil distante para prevenção da transmissão, mas a terapia de suporte era a mesma dos animais com gastroenterite, citados acima. Por isso, durante as consultas, principalmente de filhotes que ainda não possuem esquema vacinal, era salientada a importância da vacinação.

Day *et al* (2016) apontam que, o início da vacinação deve ser feita entre seis a oito semanas de idade, e então repetida a cada duas a quatro semanas até as dezesseis semanas de idade e posteriormente uma dose de reforço aos seis a doze meses de idade, para assegurar o desenvolvimento de uma resposta imune protetora, caso o animal não tenha respondido a uma das séries primárias.

O segundo sistema de maior prevalência foi o sistema urogenital, que compreendeu 26% dos casos acompanhados (Tabela 6), por isso, foi dividido por afecções (Tabela 8), a fim de facilitar o entendimento e posterior discussão. O maior número de casos acompanhados do sistema urogenital foi relacionado ao pós-operatório da ovariosalpingohisterectomia e posteriormente, a Doença do Trato Urinário Inferior dos Felinos com segundo maior número de casos.

Tabela 8. Casos acompanhados do sistema urogenital dos animais internados, no Centro Veterinário Cia Bichos, separados por espécie.

Casos acompanhados	Caninos	Felino	Total	Percentual
OSH eletiva ¹	8	1	9	64
DTUIF ²	-	5	5	36
Doença renal crônica	1	2	3	21
Incontinência urinária	2	-	2	14
Pielonefrite	1	-	1	7
TOTAL	12	8	20	100

¹ Ovariosalpingohisterectomia ²Doença do Trato Urinário Inferior dos Felinos

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

A OSH eletiva representou 64% do número de casos no internamento, relacionada principalmente aos cães, do Centro Veterinário Cia Bichos. Normalmente os animais que ficavam internados eram para observação do pós-cirúrgico de ovariectomia. De acordo com Adin (2011), a ovariectomia e orquiectomia são duas cirurgias mais realizadas na prática veterinária, e curiosamente a incidência geral de complicações, como hemorragias, incontinência urinária, traumas, entre outros, são altas. Por este motivo, as fêmeas ficavam em observação no internamento, por um período de um dia após a cirurgia. Com isso, era monitorado frequência cardíaca e respiratória, temperatura retal, coloração das mucosas, e mais, era observado o comportamento do animal, alimentação e ingestão de água. Segundo Caulkett *et al.* (2003), o grau de dor do paciente pode variar com o trauma do tecido e com o limiar de dor individual do animal, por isso, os animais submetidos a ovariectomia devem se beneficiar da terapia analgésica intraoperatória e pós-operatória. Por essa razão, eram administrados analgésicos e anti-inflamatórios. No momento da alta dos pacientes foram dadas as recomendações, como fazer higienização da incisão cirúrgica diariamente, utilização de colar elizabetano por sete dias e administração de analgésico via oral por um período de dois a três dias. Retorno dos pacientes após 10 dias para retirada dos pontos.

A DTUIF representou 36% dos casos (Tabela 8). De acordo com Little (2016), a doença do trato urinário inferior dos felinos inclui qualquer desordem que afete a bexiga urinária ou a uretra de gatos, como cistite idiopática felina (CIF), urolitíase, tampões uretrais, anomalias anatômicas, neoplasias, infecções e problemas comportamentais. Normalmente os pacientes internados eram machos, castrados e domiciliados. Apresentavam bexiga cheia e dor a palpação, disúria, estrangúria e obstrução uretra, no qual eram desobstruídos imediatamente. Para desobstrução, geralmente utilizava-se sonda nº4 flexível e realizava-se lavagens da bexiga com solução fisiológica. A sonda uretral era mantida por um período de 24 a 72 horas, onde também eram feitas as lavagens da bexiga duas a três vezes ao dia. Além disso, era administrado analgésicos. Forrester (2007,) discorre que independente da causa base, a DTUIF é associada a sinais clínicos que incluem hematúria, estrangúria, polaquiúria e periúria e por esse motivo, a avaliação diagnóstica, como urinálise, diagnóstico por imagem e cultura urinária, são importantes para diagnosticar a causa principal.

2.3.3 Cirurgia

Os procedimentos cirúrgicos acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos totalizam 44 (Tabela 9). Distribuídos em 41 cirurgias em caninos e 13 cirurgias em felinos.

Tabela 9. Procedimentos cirúrgicos acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos, conforme espécie.

Espécie	Número	Percentual
Canino	41	93
Felino	13	7
Total de animais	44	100

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

Neste caso, as cirurgias foram separadas por procedimentos cirúrgicos, a fim de colaborar com a discussão e entendimento. A cirurgia mais realizada no período do estágio, foi tartarectomia, apresentando 30% em relação aos outros procedimentos cirúrgicos. Em seguida vem OSH eletiva com 20% dos casos (Tabela 10).

Tabela 10. Procedimentos cirúrgicos acompanhados no Centro Veterinário Cia Bichos, por procedimento, conforme espécie.

Procedimentos cirúrgicos	Canino	Felino	Total	Percentual
Retirada de Cálculo Dentário	12	1	13	30
OSH eletiva ¹	8	1	9	20
Orquiectomia	6	-	6	14
Nodulectomia	6	-	6	14
Celiotomia Exploratória	2	1	3	7
Mastectomia	3	-	3	7
Ureteroneocistotomia	1	-	1	2
Cistectomia	1	-	1	2
Ablação de saco escrotal	1	-	1	2
Amputação de membro torácico	1	-	1	2
TOTAL	41	3	44	100

¹ Ovariosalpingohisterectomia

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2022.

Em relação a retirada de cálculo dentário, a maioria dos animais que vieram para este procedimento eram cães, adultos e geriátricos, apresentavam sinais clínicos associados a halitose, gengivite e mobilidade dental. Para limpeza dentária os pacientes recebiam anestesia geral. Midazolam e metadona como medicação pré-anestésica, indução com propofol e manutenção com isoflurano.

De acordo com McFadden e Marretta (2013), os dentes não podem ser examinados ou limpos com o paciente acordado, por isso, é necessária a anestesia para poder diagnosticar e tratar doenças dentárias. A retirada do tártaro era realizada com ultrassom dentário resfriados

em água (não deixando mais do que cinco a sete segundos para não gerar lesões). No pós-operatório eram administrados antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos.

Lobpriose e Doss 2018 relatam a importância da educação do tutor em relação a limpeza dos doentes, pois traz benefícios, auxiliando no controle precoce de doenças periodontais. E mais, Wallis e Holcombe (2020) coloca que a chave para uma boa saúde bucal é através de cuidados domiciliares regulares e eficazes. Como a escovação dos dentes, que é considerada um dos meios mais eficazes de remoção da placa, no entanto, isso raramente acontece pela habilidade do proprietário e a má aceitação do animal.

Para a realização da OSH eletiva os animais precisavam ter entre seis a nove meses de idade. A maioria dos pacientes eram caninos, onde os tutores optavam por esse procedimento, na maioria das vezes para prevenir reproduções indesejadas. De acordo com Fossum (2014), a razão mais comum para a realização da OSH é prevenir o estro e filhotes indesejados, e também, para prevenção de tumor mamário ou anomalias congênitas, prevenção ou tratamento da piometra, metrite, cistos, trauma, torção uterina, ente outras. Antes da cirurgia era realizado um *check-up* de rotina como hemograma e perfil bioquímico (que incluía glicose, ureia, creatinina, fosfatase alcalina e alanina aminotransferase). Era sempre recomendado que o responsável pela paciente a trouxesse no dia da cirurgia com jejum de no mínimo oito horas. Esse procedimento cirúrgico era realizado sob anestesia geral. Em geral, era utilizado midazolam 0,3 mg/kg e metadona 0,3 mg/kg como medicação pré-anestésica, propofol 4 mg/kg para indução e manutenção com isoflurano. Todas as cirurgias de OSH acompanhadas neste período não necessitaram de maiores intervenções. Sempre o animal era tricotomizado da cartilagem xifoide até o púbis, posicionado em decúbito dorsal e realizada a antissepsia. A incisão era realizada caudal ao umbigo. Para evitar atingir os órgãos, pinças Allis fixavam o musculo reto, uma de cada lado, elevando-as, para afastar a musculatura dos órgãos e assim fazer a incisão em estocada, estendendo-a com uma tesoura de Mayo. A parede abdominal era elevada para assim facilitar a procura do corno uterino com os dedos. Era feita a confirmação anatômica do corno uterino até o ovário.

De acordo com Adin (2011), para evitar a síndrome do ovário remanescente, o ligamento suspensor deve ser rompido ou esticado a um grau que permita a mobilização do ovário para que haja espaço adequado para colocar as pinças hemostáticas no pedículo ovariano sem invadir o ovário. Ao permitir a exteriorização do ovário, era realizado um orifício no ligamento largo, para colocar três pinças hemostáticas de Crile através do pedículo do ovário. A pinça central servia de sulco para realização da ligadura.

As ligaduras eram realizadas com material absorvível como ácido poliglicólico 2-0 ou 3-0 para uma ligadura circular e uma transfixante. Ambos lados era realizada a mesma técnica e no corpo uterino também. Sempre revisando as ligaduras para evitar sangramentos. Por fim, a síntese da parede abdominal. Na musculatura utiliza-se fio ácido policlicólico absorvível 0 em sutura festonada de reverdin, sobrepondo o sultan com o mesmo fio. No subcutâneo, normalmente era utilizado mesmo fio absorvível (ácido policlicólico) 2-0, com cushing e por fim, na pele era utilizado fio de nylon 2-0 para sutura de Wolf.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio final supervisionado é uma etapa muito importante da graduação. É um período de transformação pessoal e profissional, de colocar em prática todo aprendizado adquirido durante a graduação. Por isso, através do acompanhamento dos médicos veterinários, pude conhecer a rotina clínica e cirúrgica de pequenos animais.

Foi possível observar diferentes situações, como a conduta clínica de cada profissional acompanhado e a relação de cada um com o tutor. Uma peça muito importante que vai interferir no tratamento do animal e no crescimento do estabelecimento. Pude reafirmar na prática a importância de uma boa anamnese e como os exames complementares podem auxiliar no diagnóstico definitivo, junto a isso, as diferentes condições socioeconômicas e interesse dos tutores, que influenciam diretamente no sucesso da resolução de cada caso. A importância da observação dos animais no momento da internação, pois muitos tutores não sabem descrever realmente o que está acontecendo, o que auxilia muito no segmento do diagnóstico e tratamento.

Por fim, o estágio curricular obrigatório contribuiu para que a discente conseguisse ampliar seus conhecimentos na área de Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais, deixando inúmeras reflexões e também oferecendo preparação para o mercado de trabalho.

4 REFERÊNCIAS

ADIN, Christopher. Complications of Ovariohysterectomy and Orchiectomy in Companion Animals Christopher A. Adin. **Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice**, [s. l], v. 41, n. 5, p. 1023-1039, set. 2011.

BRAGA P. F. de S.; IASBECK J. R.; ALMEIDA L. P. de. **Fatores associados a gastroenterite em cães**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 12, n. 2, p. 73-73, 28 nov. 2014. (BRAGA; IASBECK; ALMEIDA, 2014)

CARDOZO, Sergian Vianna; RAMADINHA, Regina Ruckert. Avaliação do tratamento de miíases em cães através da utilização do nitenpyramv: evaluation of myiasis treatment in dogs using nitenpyram. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, [S. L.], v. 14, n. 3, p. 139-142, dez. 2007.

CAULKETT, Nigel *et al.* A comparison of the analgesic effects of butorphanol with those of meloxicam after elective ovariohysterectomy in dogs. **The Canadian Veterinary**, [S. L.], v. 44, n. 7, p. 565-570, jun. 2003.

CIVELLENTI, Lendro Z.; BORIN-CRIVELLENTI, Sofia. **Casos de rotina em Medicina veterinária**. 2. ed. São Paulo: Medvet, 2015.

COMAC. **COMAC/Sindan antecipa tendências do mercado pet para 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.sindan.org.br/release/comac-antecipa-tendencias-do-mercado-pet-para-2021/#:~:text=A%20COMAC%20%28Comiss%C3%A3o%20de%20Animais%20de%20Companhia%29%20foi,e%20mundial%2C%20o%20mercado%20de%20c%C3%A3es%20e%20gatos>. Acesso em: 14 mar. 2022.

COSTA, Francisco Michael Junior *et al.* ESTUDO RETROSPECTIVO DE MIÍASES EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Enciclopédia Biosfera**, [s. l], v. 15, n. 27, p. 09-16, jun. 2018.

DAY, M. J. *et al.* DIRETRIZES PARA A VACINAÇÃO DE CÃES E GATOS: compiladas pelo grupo de diretrizes de vacinação (vgg) da associação veterinária mundial de pequenos animais (wsava). **Journal Of Small Animal Practice**. [S. L.], p. 01-50. jan. 2016.

FORRESTER, S. Dru. Gerenciamento baseado em evidências da doença do trato urinário inferior felina. **Clínicas Veterinárias da América do Norte: Prática de Pequenos Animais**, [S. L.], v. 3, n. 37, p. 533-558, jan. 2007.

FOSSUM, Theresa Welch. **Cirurgia de pequenos animais**. 4. ed. [S.L]: Elsevier, 2014.

GEDON, Natalie Katharina Yvonne; MUELLER, Ralf Steffen. 1 Atopic dermatitis in cats and dogs: a difficult disease for animals and owners. **Alergia Clínica e Translacional**, [S. L.], p. 8-41, 5 out. 2018.

LAZARETTI, Rhubia Maria Jorge; SANTOS, José Mauricio Gonçalves dos. **LEVANTAMENTO DAS PERIODONTOPATIAS EM CÃES ATENDIDOS NO**

HOSPITAL VETERINÁRIO DO CESUMAR. 2012. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2012.

LENZI, Natalia Zoupantis. **Doença do Trato Urinário Inferior de Felinos.** 2015. 26 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação, Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, Centro de Estudos Superiores de Maceió, Porto Alegre/RS, 2015.

LITTLE, Susan E. **O gato - Medicina Interna.** 5. ed. [S.L]: Roca, 2016.

LOBPRISE, Heidi B.; DODD, Johnathon R. **Wiggs's Veterinary Dentistry: principles and practice.** 2. ed. [S.L]: Wiley Blackwell, 2018. 536 p.

MARSELLA, Rosanna; BENEDETTO, Anna de. 3Atopic Dermatitis in Animals and People: An Update and Comparative Review. **Allergies In Animals And Humans**, [S. L.], p. 1-10, jul. 2017.

MCFADDEN, Tiffany; MARRETTA, Sandra Manfra. Consequences of Untreated Periodontal Disease in Dogs and Cats. **Vet Dent**, [S. L.], v. 30, n. 4, p. 266-275, jan. 2013.

MAZAFERRO, Eliza M. Update on Canine Parvoviral Enteritis. **Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice.** [S. L.], p. 1307-1325. jan. 2020.

MIRANDA, Carla; THOMPSON, Gertrude. Canine parvovirus: the worldwide occurrence of antigenic variants. **Journal Of General Virology.** [S. L.], p. 2043-2057. jan. 2016.

RODRIGUES, Mariane Delfino et al. Gastroenterite canina. **Ciência Veterinária UniFil**, [S.L.], v. 1, n. 2, jun. 2018. ISSN 2595-7791. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/revista-vet/article/view/51>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SARIDOMICHELAKIS, Manolis N.; OLIVRY, Thierry. An update on the treatment of canine atopic dermatitis. **The Veterinary**, [s. l], v. 207, n. 0, p. 27-39, jan. 2016.

UNTERER, Stefan; BUSCH, Kathrin. Acute Hemorrhagic Diarrhea Syndrome in Dogs. **Vet Clin North Am Small Anim**, [s. l], v. 51, n. 1, p. 79-92, jan. 2021.

VIEIRA, Maria João Nobre de Matos Pereira. **Parvovirose Canina.** 2011. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Veterinárias, Universidade do Porto., Vila do Conde, Portugal, 2011.

WALLIS, C; HOLCOMBE, L J. A review of the frequency and impact of periodontal disease in dogs. **Small Animal Practice**, [S. L.], v. 9, n. 61, p. 529-540, jan. 2020.

WSAVA. **Diretrizes para o Bem-Estar Animal da WSAVA.** 2020. Disponível em: <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-2018-PORTUGUESE.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.